Antropologia de uma musa

Toda Mulher É Meio Leila Diniz.

GOLDENBERG, Mirian.

Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

Dos versos de Drummond à música de Rita Lee, a imagem de Leila Diniz, celebrada no cinema, teatro e televisão, paira acima de sua geração e dos tempos de treva de sua juventude: a que podia irradiar a "arte de ser sem esconder o ser", segundo o poeta, tornou-se a face mesma da alegria, do prazer, da liberdade individual. Como é que uma pessoa singular torna-se uma referência inquestionável, um mito para retomar a linguagem corrente, a simbolizar mudanças centrais na relação mulher/homem? Por que sua imagem, sob variadas formas de lembrança e idealização, passa a transcender a época em que concretamente existiu e passa a constituir um marco para pensar sexualidade, amor, maternidade na coletividade brasileira?

A resposta mais simples é atribuir ao indivíduo biológico transformado em figura exemplar - ídolo, herói, gênio - propriedades intrínsecas, algo sobrenaturais, que permitiriam que se distanciasse para sempre do comum dos mortais. Examinar suas vidas é buscar segredos que os predestinam a feitos excepcionais. Não é a compreensão de seres humanos que reforça tal empreitada; a bisbilhotice biográfica acaba por propor como explicação do caráter único de tais existências qualidades e atributos de deuses, não de mulheres e homens. É o bem antigo modelo da vida de santos que inspira tais narrativas, não as dúvidas forjadas pela reflexão científica.

Em Toda Mulher É Meio Leila Diniz, a postura de Mirian Goldenberg é outra: é a de buscar compreender as condições históricas e sociais em que o comportamento de Leila ocorreu e ganhou sentido; é também a de buscar entender essa alquimia propriamente social através da qual uma pessoa que não doutrinava sobre as condutas sexuais pertinentes à dita modernidade, que não se propunha como modelo nem de santa nem de feiticeira, foi consagrada-no sentido literal de sair do universo profano para o universo dos **ídolos**- como

símbolo de mulher revolucionária. São os demais membros da coletividade que reconheceram os atos e as palavras da vida pública e privada de Leila como exemplares; são, assim, as relações objetivas e as percepções subjetivas do mundo social em que vivia que constituem o centro das interrogações de Mirian Goldenberg. Suas questões e sua postura são inovadoras, mas não se pode subestimar o risco de tal empreendimento: não faz parte do quotidiano que nos interessemos pelas 'pessoas encantadoras' e que não ousemos perguntar sobre elas aquilo que indagamos sobre muitos daqueles com quem somos obrigados a conviver? As imagens cristalizadas de ídolos, de pessoas tomadas como paradigmas de toda uma coletividade, suscitam frequentemente adesão ou rejeição, mas raramente a dúvida sistemática na tentativa de entendimento. Ora, entender como um ser individual torna-se uma referência fundamental para toda uma população implica refletir sobre suas ações e idéias, mas também sobre as formas como atingiram o domínio público e conquistaram o reconhecimento. Sobretudo quando os comportamentos e as declarações públicas foram percebidas a seu tempo como chocantes, alvos de censura, numa escala ao menos tão significativa quanto a adesão entusiástica de outra parcela do público ao seu caráter emancipador.

Não é, assim, mais uma biografia de uma estrela, imóvel no firmamento ou se movendo num vácuo social, que nos propõe Mirian Goldenberg; não é a tentativa de dar conta exaustivamente de todos os eventos de uma existência, tarefa impossível mesmo para uma vida rica de curtos 27 anos, o que a preocupa. As biografias existentes são claramente seu ponto de partida: livros, filmes, entrevistas. E se interroga sobre seu caráter repetitivo, sobre os silêncios recorrentes. Exposto a uma imagem pública seguidamente relacionada, o(a) leitor(a) pode acompanhar as dúvidas da autora, suas questões, sua vontade de escutar aqueles que mais de perto conviveram com Leila Diniz: seus familiares. E descobrirá surpreso que muito poucos se interessaram por escutar seus irmãos e parentes; pois é a escuta sensível de Mirian que lhe permitirá buscar compreender a configuração específica do universo familiar de Leila, os dramas que teve que enfrentar, as formas que encontrou para tratá-los, inclusive através da carreira de atriz que podia viver na tela personagens elaborados a partir de sua vida privada...

Um dos capítulos mais densos e bem elaborados do livro é o dedicado à teia de laços familiares em que nasceu Leila. Não cabe aqui sumariá-lo, já que forçosamente reduziria a carga de sentimentos ambivalentes provocada pela existência de duas mães: a genitora, de que Leila só vai tomar conhecimento quando adolescente; a **outra**, que Leila pensava ser **única**, e que foi responsável por sua criação e a de seus irmãos, além de parceira afetiva de seu pai. Os depoimentos de cada um dos imãos e dos tios revelam a impressionante coragem dos que são conscientes de que a dor maior, o sofrimento mais lancinante, é o provocado pela hipocrisia. Positivamente o(a) leitor(a) verificará que a linguagem desabrida, arguta, sem medo dos fatos mais difíceis humanamente, porque desencadeadores de muito prazer ou de muita dor, é uma característica comum dos seus, talvez originária, talvez porque a própria existência de Leila contribuiu para a emancipação da fala. O relato dos protagonistas sobre o que consideram ser a realidade vai seguramente muito além do que nos foi proposto até aqui como obra de ficção. Não há como escapar da observação de Machado de Assis: "não há vinho que embriague como a verdade".

A passagem de professora primária a atriz de cinema, televisão e teatro parece estar diretamente relacionada às formas de encontrar na vida profissional, não só uma fonte de sustento independente do apoio paterno, como um meio de elaborar um estilo de vida particular, mais ligado a suas pulsões e desejos, do que à obediência a ditames da moral tradicional ou a preceitos de fundo religioso cristão. Entre o comunismo do pai e da mãe de criação e o catolicismo da mãe biológica, não houve opção radical, mas elaboração de caminho próprio convivendo com pessoas de diferentes horizontes. A psicanálise precoce e a redação de um diário, até sua morte em acidente trágico, atestam a importância do itinerário individualizador. O confronto entre as carreiras de Leila e a de Cacilda Becker, uma das atrizes mais consagradas quando aquela inicia o trabalho artístico, permite a Mirian Goldenberg analisar modalidades diferentes de conquistar fama como atriz: num caso pelo trabalho cênico impondo um estilo de estar no palco; noutro, impondo-se não por papéis marcantes, mas por um estilo de vida liberado correlativo da

condição de atriz. Tudo se passa como se as dificuldades da vida particular conduzissem a um investimento pessoal na condição de atrize, simetricamente, os sucessos da vida artística permitissem uma melhor elaboração da vida pessoal e privada e sobretudo abrissem a oportunidade de reafirmar publicamente a pertinência de seus próprios padrões de comportamento. Leila pode assim exibir, discutir e fazer aceitar sua conduta percebida à época como transgressora. O contraste com a vivência de ambas as mães, embora de universos ideológicos opostos, é nítido: também elas partilharam residência com homem e tiveram filhos fora de casamento; subjetivamente, contudo, a culpa ou o desejo de uma cerimônia legitimadora do casamento de fato acompanharam a transgressão objetiva da norma social. O silêncio ou a evasiva foram as alternativas a que se viram condenadas; e não a reafirmação pública da possibilidade de tais práticas e de sua legitimidade. A reconstituição precisa das condições sociais e históricas da ação, do silêncio ou do discurso público de cada um desses personagens femininos mostra que não foi apenas a vontade de enfrentar de uma que se opôs à resignação (forçada) das outras: houve diferenças profundas das condições de cada ação e de suas chances de sucesso. Mirian Goldenberg não se coloca e não nos coloca como falsos juízes de vidas alheias; ela nos proporciona elementos para compreender tanto as condutas emancipadoras como as de submisso. Por conseguinte, precisa com a maior acuidade tanto os obstáculos objetivos e subjetivos a uma ação emancipadora quanto as condições favoráveis ao exercício do livre arbítrio individual. Por tudo isso, como conclui a autora, a análise dos comportamentos e expressões públicas de Leila Diniz constitui algo como um caso exemplar para se pensar como o enfrentamento de conflitos individuais agudos, ligados à configuração familiar de origem, pode conduzir a romper, tanto no domínio privado quanto no domínio público, com as normas vigentes, contribuindo para reforçar ou reafirmar outros padrões da relação mulher/homem.

Sem dúvida, o sucesso das afirmações públicas de Leila Diniz esteve ligado à correspondência entre suas declarações e seus atos: como vimos acima, sua singularidade esteve relacionada a poder fazer uso da palavra pública para reafirmar a legitimidade de sua conduta privada; mas sua credibilidade se viu reforçada por suas palavras públicas não se distancia-

rem de seus comportamentos individuais. Nem palavras públicas sem comportamentos correspondentes; nem comportamentos desviantes acompanhados de silêncio público. Negar o que a fazia sofrer individualmente a conduziu a negar silêncios impostos a comportamentos tão recorrentes nas relações mulheres/homens; sua contribuição foi sobretudo a de uma revolução simbólica: afirmar a correção do que uma infi-

nidade de outras faziam sem a aprovação coletiva.

Mas, acima de tudo, não seria Leila Diniz um caso exemplar da luta para transformar dor em prazer, uma ilustração maior do dilema apontado no célebre samba:

"para que rimar amor e dor?".

AFRÂNIO GARCIA JR.

Os companheiros invisíveis

Femmes et Cultes de Possession au Brésil.

ARAUJO, Véronique Boyer.

Paris: Harmattan, coleção Connaissance des Hommes. Prefácio de Marc Augé, 1993.

Mulheres e Cultos de Possessão no Brasil. como o título fielmente designa, trata da relação, conhecida mas pouco compreendida, que as mulheres entretêm com esses cultos. Esta temática privilegiada vai ser objeto de um trabalho etnográfico que explora os cultos de possessão na região amazônica, mais especificamente na periferia urbana da cidade de Belém. Segundo a autora, a relação com esse mundo invisível é predominantemente elaborada e praticada por mulheres e sua abordagem se faz no sentido de valorizar as relações pouco exploradas pela literatura antropológica desse predomínio feminino. Trata-se, pois, de uma etnografia que ambiciona compreender o sentido que adquirem certas opções religiosas para um grupo específico de mulheres. A compreensão que alcança este trabalho diz respeito, portanto, a um contexto cultural específico, relacionado a trajetórias de vida dessas mulheres que revelam parte dos constrangimentos sociais que determinaram os seus rumos, bem como o sentido de que dotaram certas experiências que tiveram, os valores que privilegiaram, os meios de ação e as escolhas que fizeram.

Nessa importante capital do norte do país, Belém do Pará, predomina, entre os cultos de possessão, aquela modalidade conhecida como **umbanda**, cuja expressão ritual mais forte é dada pela possessão das mulheres por um de seus personagens mais conhecidos e valorizados na região amazônica: o **caboclo**, figura central de seu panteão. Através de uma arquitetura que nos surpreende pelo inusitado e que rapidamente nos convence, Véronique Boyer constrói um triângulo amoroso-institucional (cheio de conseqüências antropológicas) entre mulheres, seus maridos e seus espíritos, estes últimos conhecidos geralmente como «caboclos pertencentes aos cultos de umbanda».

Nas relações conjugais, nas relações de família, nas relações de trabalho, no contexto amazônico, no quadro simbólico de referências à nação, nas relações de poder no campo religioso, em suma, em cada um dos diferentes domínios por onde passam os fragmentos e atribulações do cotidiano, a autora se apressa em ir em busca do sentido da prática religiosa dessas mulheres e para essas mulheres, responsáveis por fazer entrar em seus lares esses estranhos personagens, rivais, no plano doméstico, de seus companheiros humanos, seus maridos.

O resultado que nos apresenta neste livro fala do entrelaçamento entre o mundo visível e o mundo invisível tal como é vivido e percebido por estas mulheres através do exercício permanente da mediunidade. O que se alcança é, pois, uma surpreendente e crescente plausibilidade do sentido religioso como parte instituinte desse universo social e simbólico. Ao final do trabalho, o leitor está inteiramente convencido de que os caboclos, esses fiéis companheiros das mulheres, embora invisíveis num certo plano, são os que podem, quando compreendidos, fornecer a chave e portanto dotar de uma certa visibilidade formas de existência social um tanto 'opacas' e por isso geralmente ignora-